Os "Rios de Ouro" que cruzaram o Atlântico: aproximações para um estudo comparado das remessas dos emigrantes italianos, portugueses e espanhóis

Paulo Cesar Gonçalves
Unesp Assis

Emigração e remessas

O GRANDE FLUXO MIGRATÓRIO das últimas décadas do século XIX e início do XX, caracterizado pela saída de populações de Portugal, Itália e Espanha para a América, apresentou especificidades no que diz respeito às remessas de dinheiro enviadas à pátria mãe. Essas economias, fundamentais para melhoria de vida dos familiares que ficaram, ou mesmo para os emigrados que retornavam, permitiram também aos três países certo equilíbrio na balança de pagamentos, minimizando seus déficits.

São relativamente escassas as investigações sobre o tema. Alguns estudos abordaram os efeitos das remessas na economia rural, as trajetórias pessoais de emigrantes enriquecidos ou a rede de intermediários (comerciantes, bancos e banqueiros), enquanto outros ampliaram seu foco para o conjunto da nação – no qual o principal obstáculo é, sem sombra de dúvida, a quantificação precisa dos fluxos monetários.[1] Mais raros ainda, são os trabalhos comparativos. Um dos mais importantes, o de Rui Esteves e David Khoudour-Castéras, utilizou dados apontados por outros pesquisadores para estabelecer paralelo entre o fluxo migratório português, italiano e espanhol (além do austro-húngaro)

1 MASSULLO, Gino. "Economia dellerimesse". In: BEVILACQUA, Piero; DE CLEMENTI, Andreina; FRANZINA, Emilio (orgs.). *Storia dell'emigrazione italiana. Partenze.* Vol. I. Roma: Donzelli Editore, 2001, p. 162-163; MITTONE, Luigi. "Le rimessedegliemigrati sino al1914". *Affari sociali internazionali,* Milão, nº 4, 1984, p. 125-160; SORI, Ercole. *L'emigrazione italiana dall'Unità alla Seconda Guerra Mondiale.* Bolonha: Il Mulino, 1979; DEAN, Warren. "Remessas de dinheiro dos emigrantes italianos do Brasil, Argentina, Uruguai e Estados Unidos da América". *Anais de História*, Assis/SP, ano VI, 1974, p. 231-237; PEREIRA, Miriam Halpern. *A política portuguesa de emigração (1850-1930).* Bauru: Edusc; Portugal: Instituto Camões, 2002; MATA, Maria Eugénia. "As crises financeiras no Portugal contemporâneo: uma perspectiva de conjunto". In: MATOS, Sérgio Campos (org.). *Crises em Portugal nos séculos XIX e XX. Actas do Seminário organizado pelo Centro de História da Universidade de Lisboa.* Lisboa: Centro de História da Universidade de Lisboa, 2002, p. 33-55; CHANEY, Rick Lamon. *The economics of one hundred years of emigration of remittances in Portugal.* Michigan: University Microfilms International, 1984; GONZÁLEZ, Alejandro Vásquez. "La emigración gallega. Migrantes, transporte y remesas". In: SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Nicolás (org.). *Españoles hacia América. La emigración en masa, 1880-1930.* Madri: Alianza Editorial, 1988, p. 80-104; GARCÍA LÓPEZ, José Ramón. *Las remesas de emigrantes espanõles en América. Siglos XIX y XX.* Colombres: Ediciones Jucar, 1992.

e o movimento das remessas, e assim verificar a importância de ambos no equilíbrio da balança de pagamentos e na manutenção do padrão ouro.[2]

Diante desse quadro, o presente artigo procura fazer um balanço dos estudos sobre as remessas dos emigrantes portugueses, italianos e espanhóis, enfocando a metodologia dos cálculos, as fontes utilizadas, as especificidades de cada emigração (origem e destino) e as dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores do tema. A perspectiva em conjunto tem por objetivo apontar alguns caminhos resultantes desse esforço comparativo em relação ao potencial de novas fontes para a pesquisa, além de compreender esse fenômeno diante do mercado internacional de trabalho em avançado processo de unificação.

Cabe, ainda, uma última observação sobre a definição de remessas. Este estudo adota o sentido mais amplo do termo, incluindo todas as operações não comerciais – ou seja, que não tenham contrapartida de mercadorias e serviços – cujo resultado é a entrada nos países de origem do dinheiro remetido pelos emigrantes na América.

Remessas italianas: algumas considerações e números

> O *Banco di Napoli* está autorizado a assumir o serviço de coleta, tutela, empenho e transmissão no Reino das poupanças dos emigrantes italianos. Para tal fim, está autorizado pelo Ministério do Tesouro, a estabelecer acordos especiais com casas bancárias e com o Ministério dos Correios e Telégrafos.[3]

Assim começava o artigo primeiro da Lei n. 24 para tutela das remessas dos italianos que se encontravam no exterior, publicada em 1º de fevereiro de 1901, exatamente um dia depois da Lei n. 23 dedicada exclusivamente à emigração.

A ideia de disciplinar o movimento das remessas encarregando alguma instituição bancária, no entanto, não era nova. Em 1894, a casa *Cesare Conti* de Nova York ofereceu seus serviços, que seriam executados juntamente com a administração dos correios da Itália. Em 1896, Francesco Nitti propôs ao Ministério do Tesouro um projeto para a constituição da *Banca per gliEmigrati d'Italia*, com o privilégio do serviço de remessa e apoio do ofício postal italiano.[4]

Da parte do governo, o ministro do Tesouro, Luigi Luzzatti, apresentou à Câmara seu projeto para a tutela das remessas dos emigrados na América, cujo objetivo era "salvar da rapina dos fraudadores e da astúcia dos usurários o dinheiro dos nossos pobres emigrantes".[5]

2 ESTEVES, Rui; KHOUDOUR-CASTÉRAS, David. "A fantastic rain of gold: European migrants' remittances and balance of payments adjustment during the gold standard period". *The Journal of Economic History*, vol. 69, 2009, p. 951-985.

3 Legge n. 24, per la tutela delle rimesse e dei risparmi degli emigrati italiani all'estero, 1º febbraio 1901. *Leggi e Decreti del Regno d'Italia*. GazzettaUfficiale del Regno.

4 DE ROSA, Luigi. *Emigranti, Capitali e Banche (1896-1906)*. Nápoles: Edizione del Banco di Napoli, 1980, p. 119-120.

5 "Relazione Luzzatti alla Camera" (1º de dezembro de 1897). *Apud* FIORENTINO, Adriano R. *Emigrazione trasnsoceanica (storia, statistica, politica, legislacione)*. Roma: U.S.I.L.A., 1931, p. 21.

Palavras bonitas que revelavam preocupação com os emigrados; mas na mesma relação, Luzzatti expunha claramente o outro lado da moeda: os interesses de grupos econômicos na tutela, e no consequente desfrute, das economias enviadas à pátria mãe. "Entre as várias propostas das quais se junta uma lista, o Governo se demorou particularmente sobre uma, que tinha o sufrágio de egrégios capitalistas e representantes das companhias de navegação, e fora proposta por um talentoso economista nosso".[6]

O "talentoso economista" era Nitti, cujo projeto inspirou o de Luzzatti. A diferença principal, no entanto, residia na escolha do tipo de instituição bancária responsável pela transferência do dinheiro da América para a Itália. Nitti defendia a participação de uma instituição privada com capital acionário, mas Luzzatti preferiu um banco público para tal serviço, o *Banco di Napoli*, pois, segundo ele, as garantias do governo dariam maior segurança ao dinheiro dos emigrados.[7]

A historiografia tem apontado dificuldades para mensurar as remessas devido às várias alternativas engendradas para transferência das economias dos emigrados, muitas delas informais. Segundo Luigi De Rosa, antes da Lei n. 24, os emigrantes tinham à sua disposição os seguintes meios para enviar dinheiro à Itália: vale internacional, vale consular, bilhetes do Estado ou de bancos italianos de emissão[8] (*Banco d'Italia, Banco di Napoli, Banco diSicilia*), remessa via banqueiros privados.[9] Além desses banqueiros que surgiam nos lugares de imigração, Gino Massullo aponta outros canais informais, considerados "invisíveis", para execução da tarefa: por meio de parente ou compadre que retornava à pátria, envio pelo correio ordinário, o próprio emigrante portava consigo no regresso.[10]

O estudo mais completo sobre as remessas italianas é o de Luigi Mittone.[11] Abarcando o período de 1902 a 1913, o objetivo é duplo. Ciente das dificuldades em relação à quantificação, sobretudo das economias enviadas por meios informais, sua preocupação tem caráter metodológico de reconstrução de uma série histórica; feito isso, o autor analisa o papel das remessas no desenvolvimento econômico da península, com atenção especial para a balança de pagamentos.

Para executar essa reconstrução, Mittone apoiou-se nas informações publicadas, em 1926, pelo *Commissariato Generale dell'Emigrazione* no *Annuario statistico della emigrazione italiana dal 1876 al 1925*, no qual estão reportados três canais fundamentais para transmissão das remessas: o *Banco di Napoli*, a caixa postal de poupança e o vale postal internacional, considerados os meios "visíveis" para o envio do dinheiro. Quando aos meios "invisíveis" (informais), cuja dificuldade de mensuração é obvia, seus cálculos basearam-se em fontes alternativas: estudos de autores contemporâneos, como

6 "Relazione Luzzatti alla Camera". *Apud* DE ROSA, Luigi. *Op. cit.*, p. 121.

7 DE ROSA, Luigi. *Op. cit.*, p. 121 e 123.

8 Esse tipo de bilhete era um bônus emitido pelo Estado ou por um banco autorizado que se obrigava a pagar a vista e ao portador o valor discriminado.

9 DE ROSA, Luigi. *Op. cit.*, p. 109; para um breve estudo dessas práticas nos Estados Unidos, Argentina e Brasil, ver p. 109-119.

10 MASSULLO, Gino. *Op. cit.*, p. 162-163.

11 MITTONE, Luigi. *Op. cit.*

os de Francesco Coletti e B. Stringher, que estimaram, para o triênio 1907-1909, o volume total das remessas em cerca de 500 milhões de liras.[12]

Mittone organizou sua série histórica computando os valores das remessas durante o período de 1902 a 1913, subdividindo-os de acordo com a forma de envio, ressaltando que, para as transferências informais, tratava-se de um cálculo aproximado.[13] A tabela abaixo apresenta esses números, mas também incorpora a observação de Massullo – cujo trabalho é tributário ao de Mittone – sobre a necessidade de se relativizar o montante enviado por vale postal internacional, subtraindo um terço do valor total, que corresponderia às transações comerciais também transmitidas por esse meio.[14]

TABELA 1. Total das remessas enviadas à Itália, em liras italianas (1902-1913)

	Formais				Informais	Total
Ano	Banco di Napoli	Caixa Postal de Poupança	Vale Postal Internacional*	Subtotal	Subtotal	
1902	9.304.835	12.137.448	45.231.971	66.674.254	65.199.746	131.874.000
1903	23.576.694	22.936.545	71.202.001	117.715.240	121.235.760	238.951.000
1904	28.299.399	28.699.504	84.270.944	141.269.847	145.700.153	286.970.000
1905	38.417.886	32.943.590	98.712.166	170.073.642	177.390.358	347.464.000
1906	29.888.687	52.188.318	130.295.802	212.372.807	208.891.193	421.264.000
1907	38.441.306	74.006.763	165.461.571	277.909.640	272.090.360	550.000.000
1908	36.662.542	47.737.763	148.700.931	233.101.236	232.912.764	466.014.000
1909	40.178.527	25.557.106	137.844.571	203.580.204	203.380.796	406.961.000
1910	57.364.999	51.694.044	177.383.507	286.442.550	294.040.450	580.483.000
1911	68.723.016	39.462.572	179.034.259	287.219.847	294.632.153	581.852.000
1912	76.204.554	55.581.189	182.578.785	314.364.528	328.587.472	642.952.000
1913	84.563.049	80.408.714	197.743.087	362.714.850	353.798.150	716.513.000
Soma	531.625.494	523.353.556	1.618.459.593	2.673.438.643	2.697.859.357	5.371.298.000
%	9,90	9,74	30,13	49,77	50,23	100

* Valor correspondente a 2/3 do total.

Fonte: MITTONE, Luigi. *Op. cit.*, Tabelas 1 e 4; MASSULLO, Gino. *Op. cit.*, Tabelas 2 e 3.

Apesar de a lei conceder o monopólio das remessas ao *Banco di Napoli*, os números revelam que apenas 9,9% do total utilizaram-se desse canal; a caixa postal de poupança ficou com 9,74% e o vale internacional, com 30,13%. Já os meios informais responderam por pouco mais da metade das

12 COLETTI, Francesco. "Dell'emigrazione italiana" e STRINGHER, B. "Gli scambi con l'estero e la bilancia dei pagamenti italiana", ambos publicados na coletânea *Cinquant'anni di storia italiana*. Milão: Hoelpi, 1911.

13 Para detalhes sobre a metodologia empregada na estimativa das remessas informais e do total ver MITTONE, Luigi. *Op. cit.*, p. 131-141.

14 Massullo apoia-se nas observações de F. Coletti (*op. cit.*) e F. Balletta. *Il Banco di Napoli e le remesse degli emigrati (1914-1925)*. Nápoles, 1972.

economias enviadas do exterior. Considerando-se apenas as vias formais, pelo *Banco di Napoli* passaram 19,88% de todo montante transferido pelos emigrados.

Um artigo publicado em 1915, na revista *La Vita Italiana*, sediada em Roma, oferece algumas explicações sobre os limites de atuação do *Banco di Napoli* nos Estados Unidos. Iniciando com a pergunta – "O que fez o *Banco di Napoli* em 14 anos para cumprir o mandato que lhe conferia a lei?"[15] – o articulista anônimo afirmava que os correspondentes nomeados pelo banco eram os antigos "banqueiros" que já agiam enganando os emigrantes. Além disso, representavam outros agentes financeiros, nem sempre italianos, pelos quais enviavam as economias para a Itália. Criticava, ainda, a tardia e insuficiente decisão do *Banco* de abrir uma agência em Nova York, em 1908, enquanto o volume do fluxo crescia em outras cidades – Chicago, Boston, São Francisco e Nova Orleans. Lembrava que os recentes esforços dos Estados Unidos para absorver as poupanças dos emigrados deveriam despertar a entidade para a necessidade de criar uma rede de escritórios espalhados pelas áreas de maior população italiana. Por fim, respondendo a própria pergunta, conclamava a direção do *Banco* a fazer sua escolha: "Ou realizar a missão confiada ao Instituto pela lei de 1901, ou recusar a tarefa de proteger as poupanças dos emigrantes".[16]

Em relação às quantias encaminhadas pela emigração transoceânica via *Banco di Napoli*, a tabela abaixo mostra que as remessas advindas dos Estados Unidos eram de longe as mais vultosas; no primeiro quinquênio do século XX, as do Brasil apareciam em segundo lugar, mas foram superadas pelas da Argentina no período seguinte. Mesmo quando se consideram os vales postais internacionais, a situação pouco se altera.[17]

TABELA 2. Remessas da emigração transoceânica via Banco di Napoli, em liras italianas (1902-1915)

Origem	1902	1903	1904	1905	1906-1910	1911-1915
EUA	7.441.721	18.567.373	22.022.384	27.775.519	121.251.000	351.245.000
Brasil	1.462.683	3.021.292	3.658.328	6.243.695	25.389.000	40.290.000
Argentina	400.429	1.986.281	2.616.007	4.369.281	53.353.000	61.591.000

Fonte: Para 1902 a 1905, *La Marina Mercantile Italiana*, 7 de julho de 1905; para 1906 a 1915, TRENTO, Angelo. *Op. cit.*

Angelo Trento levanta hipótese bastante interessante sobre essa preponderância. Além da superioridade do fluxo de chegada de italianos, as maiores remessas dos Estados Unidos podem ser explicadas, em parte, por se tratar de emigração individual, enquanto que para o Brasil, vieram grupos familiares, decididos a construir o próprio futuro no novo país, e que, possivelmente, não haviam deixado parentes próximos a quem enviar o dinheiro. No entanto, como observa o próprio historiador, somente estudos específicos poderiam comprová-la.[18]

15 *La Vita Italiana. Rasegna mensile di politica interna, estera, coloniale e di emigrazione.* 15 de outubro de 1915.

16 *Ibidem.*

17 TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: um século de imigração italiana no Brasil.* São Paulo: Nobel; Istituto Italiano di Cultura di San Paolo; Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, 1988, p. 73-74.

18 *Ibidem*, p. 74. García López atenta para situação semelhante em relação à emigração espanhola para os EUA, assinalando

Em relação ao final do Oitocentos, existem apenas algumas estimativas como a de Francesco Nitti. Apoiado em relatórios consulares e nas informações publicadas, em 1893, pelo ministério do Exterior no livro *Emigrazione e colonie*, o economista assinalava que, para a segunda metade da década de 1890, os imigrantes italianos nas Américas mandavam entre 150 a 200 milhões de liras italianas por ano, sendo que apenas de Nova York chegavam 25 milhões.[19] Com base nas ordens de pagamentos por via postal e consular, ou seja, sem considerar as remessas informais, Antonio Franceschini apresentou números mais modestos para o período compreendido entre 1886-1899. Do Brasil foram enviados pouco mais de 1,8 milhões de liras italianas; da Argentina, quase 5 milhões; dos Estados Unidos, 38,5 milhões.[20] JacopoVirgilio, sempre otimista quando o assunto era emigração para a região do Prata, calculava que as cifras anuais giravam em torno de 3 a 4 milhões ao final da década de 1860.[21]

De qualquer maneira, o volume de dinheiro enviado para a Itália – sobretudo no espaço de tempo da grande emigração (entre a década de 1890 e o início da Primeira Guerra Mundial) – adquiriu importância suficiente para ser notado na balança de pagamentos do reino. Apoiado em dados oficiais, ErcoleSori elaborou um modelo-padrão denominado por ele de "estrutura pré-bélica de ativos na balança de pagamentos italiana", no qual as remessas respondiam por pouco mais de 13% dos recursos.[22]

Exportações visíveis	65%
Remessas	13,5%
Despesas do turismo	12,0%
Saldos postais ativos	5,5%
Interesses de capitais italianos no exterior	1,8%
Fretes ativos[23] e outros itens	2,5%

Gramsci, em análise clássica e pioneira, desnudou o funcionamento do mecanismo que subordinava o trabalhador agrícola meridional ao desenvolvimento do capitalismo nas áreas mais avançadas do país.[24] Quando a emigração assumiu forma gigantesca característica do século XX e as

que pequenas quantias compunham as tradicionais remessas aos parentes (GARCÍA LÓPEZ, José Ramón. *Op. cit.*, p. 138).

19 NITTI, Francesco S. "La nuova fase della emigrazione d'Italia". *La Riforma Sociale,* Turim, ano III, vol. VI, 1896, p. 753.

20 FRANCESCHINI, Antonio. *L'Emigrazione italiana nell'America del Sud: studi sulla espansione colonial e transatlantica.* Roma: Tip. Forzani, 1908.

21 VIRGILIO, Jacopo. *Delle migrazioni transatlantiche degli italiani: ed in especie di quelle dei liguri alle regioni del Plata: cenni economico-statistici*. Gênova: Typografia del Commercio, 1868, p. 56, nota 2.

22 Ercole Sori. *op. cit.*, p. 121.

23 Ativos relacionados em grande parte à marinha mercante como fruto do movimento de ida e volta da migração transoceânica.

24 "A unificação colocou em íntimo contato as duas partes da península. A centralização bestial confundiu suas exigências e necessidades, e o efeito foi a emigração de todo dinheiro líquido do Sul para o Norte, com o fim de encontrar rendimentos maiores e mais imediatos na indústria, bem como a emigração dos homens para o exterior, a fim de encontrar o trabalho que faltava no próprio país" (GRAMSCI, Antonio. "O Sul e a guerra" (1916). In: *A questão meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p. 62).

primeiras levas começaram a afluir da América, os economistas liberais proclamaram que o sonho de Sonnino[25] realizara-se e que uma silenciosa revolução no *Mezzogiorno* modificaria toda a estrutura econômica e social da região. Mas o Estado interveio e a revolução foi sufocada no nascedouro. O governo ofereceu bônus do Tesouro a juros fixos e os emigrantes e suas famílias transformaram-se, de agentes da revolução silenciosa, em agentes que forneciam ao Estado os meios financeiros para subsidiar as indústrias parasitárias do Norte.[26]

Por fim, cabe ressaltar que a Itália, com sua economia frágil, praticamente não exportava capitais. No entanto, diante de um modelo *sui generis*, apoiado na emigração, passou a percebê-los com as volumosas remessas enviadas pelos italianos no exterior, que se transformaram em fonte fundamental de recursos para financiar o desenvolvimento do país.

Remessas portuguesas: fontes e metodologia de análise

Já na década de 1870, influentes intelectuais como Alexandre Herculano ressaltavam a importância das remessas dos emigrantes para o equilíbrio financeiro de Portugal.[27] Apesar disso, as dificuldades de se estabelecer números próximos à realidade são grandes. O estudo mais completo sobre o tema é o de Halpern Pereira. Seus cálculos estimam que, anualmente, para o período de 1881 a 1890, os valores variavam de 8 mil a 13,5 mil contos, montante que, nas duas primeiras décadas do século XX, alcançou entre 20 mil a 30 mil. Inúmeras eram as formas de transferência do dinheiro, com destaque para casas bancárias portuguesas e brasileiras e, em menor proporção, vales consulares e vales postais.[28]

Somente a partir do final do século XIX, a *Agência Financial do Rio de Janeiro* – instituição oficial ligada à *Caixa Geral do Tesouro* português – começou a concorrer, não sem resistência, com a rede bancária já constituída. Responsável pelo encaminhamento de aproximadamente 25% das remessas registradas, a *Agência* transformou-se na principal intermediária entre o emigrado e a região de origem. Sua rede espalhou-se por vários pontos do Brasil e, no território português, contou com a extensa penetração do *Banco de Portugal* para alcançar as mais remotas paragens.[29]

A análise dos documentos da *Agência* feita por Halpern Pereira revela algumas características das remessas para o período de 1891 a 1924. Eram milhares de envios anuais, constituídos por

25 Sidney Sonnino, político, economista liberal e um dos principais defensores da liberdade de emigrar, elaborou a tese de que a emigração seria a "válvula de segurança" contra os problemas sociais no campo e uma forma de redenção da plebe rural. O envio das economias dos emigrados ou mesmo o retorno destes com algum dinheiro foi comemorado por muitos como a materialização de suas ideias. Sobre os projetos de Sonnino ver CIUFFOLETTI, Zeffiro "L'emigrazione e le classi dirigenti. I meridionalisti liberali". *Il Ponte*. Gênova, nº 30-31, 1974, p. 1269-1292.

26 GRAMSCI, Antonio "Alguns temas da questão meridional" (1926). In: *A questão meridional*. *Op. cit.*, p. 160.

27 Sobre as remessas, Herculano chamou a atenção para as condições mais proveitosas da emigração oitocentista quando comparadas com a do período colonial, ao afirmar que o "Brasil tornou-se a nossa melhor colónia depois de ser colónia nossa" (HERCULANO, Alexandre. "A Emigração". In: *Opúsculos IV*, 1879).

28 PEREIRA, Miriam Halpern. *Op. cit.*, p. 55-56.

29 *Ibidem*, p. 58-60.

pequenas quantias destinadas em sua maioria para as zonas de maior emigração: 64% do dinheiro dirigiam-se aos distritos do Porto e Braga.[30] Deve-se lembrar, no entanto, que esse era apenas um dos caminhos para a transferência das economias dos emigrados. Além da já mencionada importância da rede de casas bancárias, outro componente torna ainda mais difícil a avaliação global das remessas portuguesas: a utilização de meios informais, como por exemplo, o envio pelo correio ordinário ou através de alguns intermediários (pequenos "banqueiros" ou mesmo capitães de navios), o porte pelo próprio emigrante em seu regresso ou por um parente que retornava ao país.

De qualquer maneira, como assinala Chaney, a notável estabilidade das entradas anuais dessas economias representou fonte de divisas extremamente segura, cuja influência estendeu-se da determinação da taxa cambial ao equilíbrio financeiro de Portugal – cálculos indicam que, em média, o montante das remessas correspondeu de 50% a 80% do déficit da balança comercial.[31] Maria Eugénia Mata observa que, em condições normais, os empréstimos recebidos, os investimentos estrangeiros e as remessas dos emigrantes para suas famílias – de longe as entradas mais significativas que teriam alcançado 160 milhões de libras esterlinas – compensavam os déficits comerciais.[32]

Ainda segundo a autora, os economistas contemporâneos invariavelmente associavam o afluxo das remessas ao comportamento da economia brasileira. A queda no final da década de 1860 – cerca de 2,4 milhões em 1865 para 1,6 milhões de libras em 1869 – foi atribuída à Guerra do Paraguai; por volta de 1871, ultrapassada a crise, os valores passaram de 2,8 milhões para 3,2 milhões de libras em 1875, caindo novamente ao final da década. Nos anos de 1880, os fluxos brasileiros retomaram a normalidade, que durou até a crise de 1891; a recuperação viria nos anos finais do século, com um pico de 7,6 milhões de libras em 1898.[33]

Em relação à quantificação das remessas dos emigrantes portugueses, os estudos de Miriam Halpern Pereira e Maria Eugénia Mata[34] recorreram aos números fornecidos por autores contemporâneos ao movimento migratório[35] que tomou maior envergadura a partir de meados do século XIX e atingiu seu ápice nos anos que precederam a Primeira Guerra Mundial. Os dois trabalhos apresentam estimativas do volume das remessas e revelam a grande dificuldade em obter números mais precisos,

30 *Ibidem*, p. 61. Sobre o movimento anual das remessas via Agência Financial do Rio de Janeiro ver tabelas I a IV, p. 66-78.

31 CHANEY, Rick Lamon. *Op. cit.*

32 MATA, Maria Eugénia. *Op. cit.*, p. 39.

33 *Ibidem*, p. 40-41. A grave crise financeira de 1891 em Portugal foi, em grande parte, reflexo da forte contração no valor das remessas que sofreram duro golpe com o problema cambial brasileiro nos últimos anos da década de 1880 (LAINS, Pedro. "A crise financeira de 1891 em seus aspectos políticos". In: MATOS, Sérgio Campos (org.). *Crises em Portugal nos séculos XIX e XX*. *Op. cit.*, p. 59 e 77.

34 PEREIRA, Miriam Halpern. *Op. cit.*; MATA, Maria Eugénia. *Op. cit.*, p. 33-55.

35 FREITAS, J. J. Rodrigues de. *Noticesurle Portugal*, 1867 e *A crise monetária e política de 1876 – causas e remédios*, 1876; MOUTINHO, J. F. *O câmbio do Brasil*, 1885; OLIVEIRA MARTINS. *Política e economia nacional*, 1885; GUIMARÃES, A. Silva. *A crise agrícola do Minho*, 1890; TELES, Basílio. *Do Ultimatum ao 31 de janeiro. Esboço de história política*, 1905; COSTA, Afonso. *Estudos de economia nacional. O problema da emigração*, 1911; CARQUEJA, Bento. *O povo português*, 1916; CAMPOS, Ezequiel de. *A grei*, 1915; SILVA, Emídio da. *A emigração portuguesa*, 1917.

sobretudo devido à recorrente utilização de canais informais de transferência de dinheiro. Até mesmo as remessas intermediadas pelas casas bancárias privadas são de difícil mensuração.

Halpern Pereira assinala alguns caminhos de investigação para se quantificar a transferência de dinheiro dos emigrantes. Em menor proporção, algumas transações eram efetuadas pelo Consulado de Portugal no Brasil. A maior parte, no entanto, realizava-se por casas bancárias portuguesas e brasileiras, e, após 1887, também pela *Agência Financial do Rio de Janeiro*, instituída pelo governo português exclusivamente para essa finalidade. A extensa e rica série documental, constituída pelos registros de saques da *Agência* entre 1891 e 1924, pertencente ao acervo do Arquivo Histórico do Banco de Portugal, foi compilada e sistematizada pela autora.[36] Os volumes das transferências anuais são apresentados na tabela a seguir.

TABELA 3. Saques da Agência Financial do Rio de Janeiro (1891-1924)

Ano	N° de remessas	Valor Total (em mil réis)	Ano	N° de remessas	Valor Total (em mil réis)
1891*	158	16.503	1908	28.055	4.769.846
1892	7.201	751.214	1909	24.216	3.901.558
1893	9.552	820.483	1910	22.675	3.724.141
1894**	9.795	649.987	1911	18.973	2.934.607
1895#	2.821	375.465	1912	21.172	3.662.252
1896	9.936	1.391.424	1913	22.446	3.909.317
1897	14.985	1.728.973	1914	17.512	3.565.185
1898	13.364	1.769.220	1915	13.594	4.040.500
1899	12.238	2.971.494	1916	11.356	6.172.922
1900	13.454	3.433.507	1917	10.489	7.615.532
1901	13.086	3.211.523	1918	7.974	5.855.595
1902	12.110	4.381.173	1919	15.564	42.701.892
1903	10.058	4.263.873	1920	16.126	62.336.143
1904	10.420	5.832.304	1921##	11.222	61.395.427
1905	-	-	1922	31.426	134.383.327
1906	-	-	1923	27.672	73.454.520
1907	11.377	3.704.802	1924	28.491	66.114.014

* registro de remessas de outubro a dezembro
** registro de remessas de janeiro a agosto
# registro de remessas de julho a dezembro
remessas interrompidas entre julho e agosto

Fonte: PEREIRA, Miriam Halpern. *Op. cit.*, Quadro I, p. 66.

Segundo Halpern Pereira, a *Agência Financial* foi responsável por aproximadamente 25% das remessas registradas – ou seja, sem contar as remessas informais. Apesar de não se debruçar

36 Sobre a metodologia de coleta e cálculo dos dados ver PEREIRA, Miriam Halpern. *Op. cit.*, p. 64-65 e p. 66-78.

especificamente sobre o volume restante, a autora relaciona algumas fontes que podem preencher, ao menos parcialmente, essa lacuna. Além dos trabalhos dos estudiosos da época, chama atenção o potencial a ser explorado dos *Documentos apresentados às Cortes na sessão legislativa* de 1874 e 1875 pelo ministro e secretário dos Negócios Estrangeiros sobre a emigração portuguesa, que trazem registros das remessas feitas através de casas bancárias brasileiras;[37] do *Inquérito parlamentar sobre a emigração* de 1873 e da *Comissão parlamentar para o estudo da emigração portuguesa* de 1885.

Outro fato relevante, como se depreende do estudo de Sampaio Garrido,[38] foi a substancial participação do Banco Nacional Ultramarino no envio das remessas no ano de 1917, o que abre novas possibilidades de investigação para outros períodos. Preliminarmente, no que tange a essa instituição, foi possível localizar um corpo documental, a primeira vista bastante significativo, na "Coleção Fundo Geral Monografias" da Biblioteca Nacional de Portugal.[39] No Arquivo Histórico da Caixa Geral de Depósitos de Portugal, existe o "Fundo Documental Banco Nacional Ultramarino" com a documentação produzida ou recebida pela instituição entre 1864 e 1980, também com grande potencial de pesquisa.

Considerando ainda a singularidade da documentação diplomática para o estudo das remessas, como apontam alguns autores,[40] faz-se necessária a pesquisa no "Fundo Ministério dos Negócios Estrangeiros" junto ao Arquivo Histórico Diplomático de Portugal, sobretudo nos relatórios produzidos pelas embaixadas, legações e representações portuguesas no exterior.

Oliveira Martins, sem apontar números, deixou pistas da importância dos "rios de ouro" para o Estado português. Em seu discurso na Câmara dos Deputados, proferido em 1892, o então ministro das Finanças, mencionou a questão das remessas ao tratar dos problemas financeiros enfrentados pela balança de pagamentos portuguesa:

37 *Ibidem*, p. 57.

38 GARRIDO, Sampaio. *A emigração portuguesa*. São Paulo: Júlio da Costa, 1920.

39 Algumas obras merecem destaque: SANTOS, Henrique Mateus dos. *O banco emissor e suas relações com o Estado e com a economia nacional*. Lisboa: Banco de Portugal, 1901; CHAMIÇO, Francisco de Oliveira. *Relatório do governador do Banco Nacional Ultramarino à assembleia geral do mesmo banco em julho de 1866*. Lisboa: Typ. da Gazeta de Portugal, 1866; LIMA, Sebastião de Magalhães. *A questão do Banco Nacional Ultramarino*. Lisboa: Pacheco & Carmo, 1879. 2 v; *Banco Nacional Ultramarino: 1864-1914*. Lisboa: Typ. Annuario Comercial, 1914; *Do Banco de Portugal, nosso banco nacional e do comércio de banco em Portugal*. Lisboa Typ. José Baptista Morando, 1864; *Estado da questão do Banco Nacional Ultramarino, depois da audiência de 23 de Fevereiro de 1880*. Lisboa: Typ. C. A. Rodrigues, 1880; *Estatutos do Banco Nacional Ultramarino*. Lisboa: Typ. Christovão A. Rodrigues, 1902; *Legislação referente ao Banco Nacional Ultramarino*. Nova Goa: Imprensa Nacional, 1906; *Novos estatutos do Banco Nacional Ultramarino*. Lisboa: Typ. eLithographia Portuguesa, 1881; *Regimenbancario ultramarino* (carta de lei de 27 de abril de 1901) e contrato de 30 de novembro de 1901 com o Banco Nacional Ultramarino / Direcção Geral do Ultramar. Lisboa: Imprensa Nacional, 1902; *Relatório do Banco Nacional Ultramarino parecer do Conselho Fiscal e lista dos accionistas*. Lisboa: B.N.U., 1896; *Relatório lido em assembleia geral do Banco Nacional Ultramarino em 30 de Janeiro de 1875*. Lisboa: Typ. do Jornal do Commercio, 1875.

40 Dentre eles, PEREIRA, Miriam Halpern. *Op. cit.*; SERRÃO, Joel. *Emigração Portuguesa: sondagem histórica*. Lisboa: Horizonte, 1977.

> É evidente que a diferença entre a importação e a exportação havia de ser paga em espécie, isto é, com o dinheiro recebido por empréstimos e com o dinheiro que nos rendia a emigração para o Brasil, emigração que nos dava capitais muitíssimo consideráveis. Mas chegou um dia em que, por infortúnio nosso, coincidiram duas crises, qual delas a mais grave; uma do nosso descrédito, e outra a da desorganização económica e política do Brasil. De um momento para o outro faltaram os recursos dos empréstimos, e as remessas de dinheiro do Brasil. Assim, vimo-nos momentaneamente sem nenhum dos recursos com que podíamos mascarar o nosso estado económico.[41]

No ano anterior, porém, escrevendo sobre a "Emigração portuguesa" em uma série de artigos para o *Jornal do Comércio*, Oliveira Martins observou que "pessoas competentíssimas a avaliar esta questão [das remessas], insusceptível de se determinar numericamente, orçam em 12 a 15 mil contos os ingressos anuais em dinheiro do Brasil".[42] Além disso, destacou a tipologia desse fluxo financeiro:

> 1º. Economias de trabalhadores repatriados, de pequenos comerciantes que regressam trazendo consigo os seus haveres, e de capitalistas opulentos que deixando no Brasil toda ou parte de suas fortunas, trazem apenas o dinheiro para gastos. São estes os 5 ou 6 mil repatriados que não representam um ingresso menor de 7 a 8 mil contos.
>
> 2º. Rendas anuais dos repatriados da terceira espécie, vindas do Brasil em papel cambial: 3 a 4 mil contos.
>
> 3º. Mesadas, pensões, esmolas, presentes mandados pelos emigrantes a suas famílias, parentes e amigos, em papel cambial e até em gêneros (café, açúcar, etc.), 2 a 3 mil contos.[43]

Maria Eugénia Mata, por seu turno, preocupa-se em quantificar as remessas dos emigrantes para inseri-las na balança de pagamentos de Portugal e estudá-las como um dos fatores de sustentação do precário equilíbrio financeiro do país entre 1865 e 1914. Nesse sentido, é necessário realizar estimativa que englobe as transferências formais e informais. O primeiro passo consistiu em calcular o número de emigrantes portugueses vivendo no estrangeiro através das estatísticas anuais de emigração e retorno (ou seja, a emigração líquida) e de suas taxas médias de natalidade e mortalidade.

Realizado o "apuramento demográfico da colônia de portugueses residentes no estrangeiro", Maria Mata volta-se para as remessas. Para tanto, recorre a determinados autores contemporâneos para estimar o valor médio das remessas por emigrante: £ 20 na década de 1880, £ 15 no início dos

41 MARTINS, J. P. Oliveira. *Diário da Câmara dos Senhores Deputados*. 20 de Janeiro de 1892.

42 *Idem*. *Fomento rural e emigração*. 3ª ed. Lisboa: Guimarães Editores, 1994, p. 205.

43 *Ibidem*, p. 206.

anos de 1890, £ 16 em 1902, £ 12 entre 1907-1911, e £ 7, às vésperas de Primeira Guerra. As flutuações cambiais entre Brasil e Portugal também foram consideradas para identificar momentos de aumento e declínio das transferências monetárias, sempre muito sensíveis a esse fator.[44] A tabela abaixo apresenta as estimativas das remessas dos emigrantes segundo cálculos da pesquisadora.

TABELA 4. Valor Estimado das Remessas (1865-1914), em milhares de Libras

Ano	Valor	Ano	Valor
1865	2.411	1890	3.335
1866	2.264	1891	2.319
1867	1.968	1892	3.738
1868	1.529	1893	3.721
1869	1.679	1894	4.508
1870	1.890	1895	4.709
1871	2.134	1896	5.312
1872	2.530	1897	6.756
1873	2.750	1898	7.644
1874	2.805	1899	6.731
1875	3.165	1900	4.981
1876	2.830	1901	4.072
1877	2.844	1902	3.354
1878	2.633	1903	3.536
1879	2.485	1904	3.307
1880	2.548	1905	2.274
1881	2.609	1906	2.116
1882	2.640	1907	2.201
1883	2.725	1908	3.847
1884	2.718	1909	3.368
1885	2.373	1910	3.677
1886	2.538	1911	4.909
1887	2.876	1912	4.021
1888	3.343	1913	3.634
1889	3.907	1914	4.258

Fonte: MATA, Maria Eugénia. "As crises financeiras no Portugal contemporâneo: uma perspectiva de conjunto". Quadro III, p. 54-55.

44 Para detalhes sobre a metodologia ver MATA, Maria Eugénia. *Op. cit.*, apêndice, p. 45-55.

Assim como faz Maria Mata, é importante reconhecer os estreitos limites desses cálculos. No entanto, parece ser um exercício válido na tentativa de suprir a falta de documentação e, principalmente, de dar conta das remessas informais.[45] Além disso, devido à escassez de estudos específicos, os números servem, ao menos, como expressão de grandeza e podem ser utilizados como base comparativa para futuros trabalhos.

Em suma, os estudos de Miriam Halpern Pereira e Maria Eugénia Mata trazem à luz não apenas números específicos e estimados das remessas dos emigrantes portugueses, mas uma vasta gama de fontes e indicações com grande potencial para aprofundamento da pesquisa sobre o tema.

Remessas espanholas: limites empíricos

No plano macroeconômico, assim como ocorreu em Portugal e Itália, as remessas tiveram papel importante no equilíbrio da balança de pagamentos da Espanha. Acompanhando o incisivo aumento da emigração nos primeiros anos do século XX, o afluxo de dinheiro da América parece ser a explicação, de acordo com Prados de La Escosura, para os aparentes superávits em conta corrente a partir de 1900.[46] Em trabalho posterior, o autor assinala que as remessas dos emigrantes representaram transferência unilateral que contribuiu de maneira crescente para a economia desde os finais da década de 1880 e, sobretudo, a partir da virada do novo século. Em 1907, abriu-se outro parêntese de saldo positivo na balança de pagamentos devido à contribuição das massivas remessas vindas do ultramar.[47] Juan Sardá também assinalou que o débito da balança de pagamentos de aproximadamente 3 bilhões de pesetas entre 1882 e 1913 foi coberto pelas remessas dos emigrantes e repatriações de capital.[48]

A limitada historiografia sobre o tema é unânime em assinalar as imensas dificuldades para se avaliar de forma precisa o montante dessas remessas. Vázquez González visitou estimativas de diversas fontes e obras contemporâneas para elaborar tabela (reproduzida parcialmente a seguir) que fornecesse visão global – ainda que com números aproximados – dos fluxos monetários para Espanha e Galícia durante o período migratório, confirmando, assim, a relação direta entre os volumes do êxodo e das remessas. García López também chega à mesma conclusão sobre a emigração asturiana.[49]

45 Os resultados dos cálculos de Mata foram utilizados por outros estudos como o de Rui Pedro Esteves e David Khoudour-Castéras (*op. cit*).

46 DE LA ESCOSURA, Leandro Prados. *De império a nación. Crecimiento y atraso económico en España (1790-1930)*. Madri: Alianza Editorial, 1988.

47 *Idem*. "El sector exterior español durante el siglo XIX". In: CASTRILLÓN, Gonzalo Anes Alvarez de (org.). *Historia económica de España: siglos XIX y XX*. Madri: Círculo de Lectores, 1999, p. 301-303.

48 SARDÁ, Juan. *La política monetaria y las fluctuaciones de la economía española en el siglo XIX*. Madri, 1948.

49 GONZÁLEZ, Alejandro Vásquez. *Op. cit.*; GARCÍA LÓPEZ, José Ramón. *Op. cit.*

TABELA 5. Estimativas das remessas vindas da América, em milhões de pesetas

Ano	Galícia	Espanha
1904	40 a 50	-
1906	48	96
1907	70	-
1908	-	171,9
1909	-	212,9
1910	-	376,9
1912	-	acima de 500
1913	-	300
1914	50 a 60	-
1920	-	800

Fonte: GONZÁLEZ, Alejandro Vásquez. *Op. cit.*, p. 96, Quadro 5.6.

Tal quantidade de recursos necessitava de canais de transferência para atravessar o oceano e chegar aos povoados da península e ilhas. Nos primeiros anos da emigração galega, a ausência de uma rede de bancos abriu caminho para que essa atividade fosse realizada pelos capitães das embarcações, armadores e comerciantes. Mais tarde, a galope do incremento do fluxo de pessoas, ocorreu proliferação de pequenas casas bancárias que interligaram os dois lados do Atlântico com maior eficiência. Existiam ainda outras formas para o envio de dinheiro: através dos cônsules espanhóis, carta postal, o próprio emigrante portava consigo no retorno. Bancos espanhóis, argentinos e até portugueses também participaram desse processo.

No caso da Galícia, o que chama atenção é a participação dos consignatários das companhias de navegação na transferência das remessas. Vázquez González observa que alguns constituíram casas bancárias próprias ou ao menos participavam delas, trilhando, assim, o caminho que conduziu a acumulação de capital obtida com a intermediação desses fluxos monetários ao papel ativo do investimento na industrialização.[50] Segundo Sánchez Alonso, a presença de capital *indiano*[51] no setor bancário tornou-se evidente nas regiões de emigração. Instituições como o *BancoPastor de La Coruña*, ou mais explicitamente o *Banco Hispanoamericano*, devem sua origem ao dinheiro americano.[52]

50 GONZÁLEZ, Alejandro Vásquez. *Op. cit.*, p. 103. Para uma lista das casas bancárias ligadas aos consignatários galegos ver *Idem*. "Os novos señores da rede comercial da emigración a América por portos galegos: os consignatarios das grandes navieiras transatlánticas, 1870-1939". *Estudios Migratórios*, Santiago de Compostela, nº 13-14, 2002, p. 27.

51 Indiano: termo muito comum na Espanha, relacionado à emigração, para indicar alguém ou algo que veio da América.

52 ALONSO, Blanca Sánchez. "La emigración española a la Argentina, 1880-1930". In: SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Nicolás (org.). *Españoles hacia América... op. cit.*, p. 230.

As remessas americanas também forneceram outra via de acumulação aos consignatários galegos. Como o financiamento das passagens dependia largamente desse dinheiro, a emigração cumpriu mais uma vez a função de canalizar recursos para esse grupo que, excetuadas as companhias de navegação, encontrava-se no topo da hierarquia da rede que desfrutava e servia ao fluxo migratório.[53]

García López estudou as remessas encaminhadas para as Astúrias entre os séculos XIX e XX. Seu propósito é de se aproximar do conhecimento dos fluxos de dinheiro que chegaram à Espanha, identificando sua tipologia e modalidades, os meios utilizados para as transferências, as instituições que as canalizaram e, na medida do possível, as importâncias transmitidas.[54] Para tanto, o autor fez uso dos livros de contas de várias casas bancárias asturianas, dentre elas, as duas mais importantes, *Pedro Masaveu yCompañía* e *Herrero yCompañía*, cuja volumosa documentação permite compreender os mecanismos das remessas dos emigrantes. Além disso, outras fontes também foram utilizadas de forma a complementar os dados obtidos: os registros cartoriais (inventários) e a correspondência dos emigrantes.

Com base nas características do fluxo migratório e nas circunstâncias relativas aos países de destino e às instituições financeiras mediadoras, García López distingue três períodos. Até 1880, quando as remessas eram escassas, em consonância com o baixo volume migratório, e as instituições bancárias praticamente inexistiam, o que praticamente limita as informações aos registros cartoriais e à correspondência privada. Entre 1880 e 1930, período de grande aumento da emigração e crescimento da economia que criaram as condições para geração do fluxo de remessas; paralelamente, desenvolveram-se intermediários financeiros que facilitaram e lucraram com essas transferências e deixaram como legado seus registros em documentação contábil. De 1931 a 1960, caracterizado pelos primeiros agregados oficiais por conta dos registros completos das balanças de pagamentos.

Os dois primeiros períodos interessam mais diretamente a este estudo comparado. Em ambos, o autor identificou a formação de uma rede para atender às demandas dos emigrantes em relação ao envio das remessas para a Espanha. Inicialmente, a falta de bancos foi suprida pelos chamados "comerciantes-banqueiros", ou seja, comerciantes que tomavam para si os serviços de transferência, cobrindo-os progressivamente até se especializarem constituindo verdadeiras instituições bancárias, seja na América, seja em solo espanhol.[55] Tal dinâmica também determinou o surgimento de pequenas casas bancárias e, posteriormente, a presença mais intensa dos bancos já consolidados, através de suas sucursais ou representações.[56]

Apesar do significativo manancial de informações proporcionado pela documentação compulsada, García López não se furta em relacionar trabalhos de contemporâneos ao grande fluxo

53 GONZÁLEZ, Alejandro Vásquez. "La emigración gallega. Migrantes, transporte y remesas". *Op. cit.*, p. 101.

54 GARCÍA LÓPEZ, José Ramón. *Op. cit.*, p. 11.

55 *Ibidem*, p. 36.

56 Bancos ingleses, franceses e norte-americanos também tiveram grande importância na transferência das remessas. Cf. *ibidem*, p. 132 e ss.

migratório, assinalando que as remessas foram tão significativas que atraíram a atenção de políticos, historiadores e publicistas, originando inúmeros estudos. Em sua opinião, merece destaque o mais completo deles, o de Rafael María de Labra, por utilizar os dados fornecidos pelas principais entidades bancárias espanholas especializadas nesse tipo de serviço. Trabalhando com números procedentes de Madri, Barcelona, Astúrias, Galícia, Bilbao, Cádiz e Valência, Labra estimou, para o período compreendido entre 1906 e 1910, a média de 220 milhões de pesetas anuais.[57] Os cálculos devem ser relativizados, mas fornecem ideia aproximada do volume do dinheiro enviado pelos emigrantes à terra natal nas primeiras décadas do século XX.

Objetivos da análise comparada: algumas aproximações

Por conta do balanço realizado neste estudo, que nem de longe pretende ser exaustivo, é possível perceber as dificuldades enfrentadas pelos pesquisadores que se debruçaram sobre o tema das remessas. Para superar minimamente as lacunas na documentação e a impossibilidade de apurar as transferências de dinheiro pelos denominados meios "invisíveis" ou informais, pesquisadores elaboraram metodologias de cálculos e visitaram estimativas de estudiosos contemporâneos. Tudo isso, com o objetivo de melhor apreender os quantitativos das remessas, pois a sua importância, independentemente dos valores exatos, já foi documentada à época e assinalada por trabalhos recentes, muitos dos quais citados no decorrer deste texto.

O exercício comparativo aqui empreendido tem outro propósito: o de explorar as fontes documentais utilizadas por pesquisadores ligados ao estudo das remessas em Portugal, Itália e Espanha na tentativa de verificar se lacunas específicas podem ser preenchidas pela investigação dos indícios levantados em cada esforço analítico. Em suma, o objetivo é comparar os caminhos trilhados e o potencial das fontes compulsadas em cada país para verificar se ambos podem complementar os resultados apresentados até o presente momento.

As investigações sobre as remessas italianas partiram de fontes oficiais e estimativas de contemporâneos, assim como nos dois outros países, mas também compulsaram uma série de outros documentos como os vales internacionais, os vales consulares e os bilhetes do Estado ou de bancos italianos de emissão. Warren Dean, por exemplo, em trabalho pioneiro, trouxe à luz documentos ainda hoje pouco estudados: as ordens de pagamento postais internacionais e as ordens de pagamento consulares recebidas na Itália.[58] Lamentavelmente, porém, o breve texto, rico em indicações de fontes, carece de análise mais aprofundada e, ao que tudo indica, não foi retomado pelo autor.

Tais fontes, além de agregarem informações ao estudo das remessas italianas, não poderiam indicar caminho de pesquisa para os casos português e espanhol? Afinal, Halpern Pereira não chama

57 LABRA, Rafael María de. *La personalidad internacional de España. Discurso de ingreso en la Real Academia de Ciencias Morales y Políticas, sesión de 19 de mayo de 1912.* Madri: Tip. Jaime Ratés, 1915. *Apud* GARCÍA LÓPEZ, José Ramón. *Op. cit.*, p. 125-126.

58 DEAN, Warren. *Op. cit.*

atenção para as possíveis transferências de dinheiro realizadas através dos consulados? Em relação à Espanha, seus cônsules também não exerciam o mesmo papel, como observa Vázquez González?[59]

A mesma questão surge em relação aos intermediários – "comerciantes-banqueiros", casas bancárias e bancos –, outro aspecto em comum dos movimentos migratórios nos três países. O estudo de García López debruçou-se sobre os mediadores das remessas espanholas, apontando a riqueza da documentação produzida por essas entidades privadas.[60] Halpern Pereira sublinhou o florescimento bancário, iniciado entre 1873-1875, no qual aproximadamente metade dos bancos foi criada em cidades de província ou vilas, ou seja, fora de Lisboa e Porto.[61] As investigações sobre as remessas italianas, apesar de mencionarem, deram pouca importância a esses canais de transferência. No entanto, a participação não superior a 20% do *Banco de Napoli* na transmissão das economias formais dos emigrantes, mesmo com o monopólio legal, não seria um indicativo da intensa atividade dessas casas bancárias?

Por outro lado, o grande desenvolvimento da rede bancária espanhola não justificaria certo desprezo da lei de 1907[62] em relação à proposta de criar um banco específico para executar os serviços das remessas, como no caso da *Agência Financial do Rio de Janeiro* em Portugal, ou a tentativa por parte do governo italiano de estabelecer o monopólio dessas operações ao *Banco di Napoli*?

Muitas dessas perguntas, apesar de ainda permanecerem sem resposta, podem iluminar a pesquisa que se proponha a cotejar as diversas fontes existentes em cada país, no sentido de criar alternativas criativas para o preenchimento das inúmeras lacunas, tão caras aos estudiosos preocupados com "os Rios de Ouro" que cruzaram o Atlântico durante a grande emigração.

59 PEREIRA, Miriam Halpern. *Op. cit.*; GONZÁLEZ, Alejandro Vásquez. *Op. cit.*

60 GARCÍA LÓPEZ, José Ramón. *Op. cit.*

61 PEREIRA, Miriam Halpern. *Livre câmbio e desenvolvimento econômico: Portugal na segunda metade do século XIX*. 2ª ed. Lisboa: Sá da Costa, 1983, p. 257.

62 Ley de Emigración de 21 de diciembre de 1907. *Boletín del Consejo Superior de Emigración*. Madri, ano I, t. I, 1909. Essa lei, considerada por muitos parlamentares espanhóis "irmã siamesa" da lei italiana de 1901, foi regulamentada em 30 de abril de 1908.